



A REESCRITA DE CONTOS DE FADAS EM LIBRAS

Jéssica Araújo Faleiro¹ (IC)*
Márcia Maria de Melo Araújo² (D)

Universidade Estadual de Goiás Câmpus Pires do Rio (Pires do Rio)

Resumo: O presente artigo tem como objetivo relatar as experiências adquiridas com a realização da pesquisa “A reescrita dos contos de fadas em Libras” através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UEG). Um dos principais objetivos desta pesquisa foi levar alunos, professores e interessados a conhecer um pouco da história da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e refletir sobre os contos de fadas e suas traduções e adaptações. É nesse sentido que realizamos o levantamento seletivo de textos, como contos de fadas tradicionais adaptados para o público infantil – *Cinderela* e *Rapunzel*, e paralelamente, confrontamos obras como *Cinderela surda* e *Rapunzel surda* de Hessel, Rosa e Karnopp. Esses autores entendem a tradução dos contos de fadas para Libras como uma busca das raízes culturais para os surdos, principalmente para a criança surda. A nossa pesquisa buscou abranger questões relacionadas à leitura, à literatura e às práticas sociais na construção de uma consciência de inclusão social. Como resultados, temos a leitura de histórias, a partir de clássicos da literatura mundial, visando uma possibilidade de aprimoramento e estudo da literatura e de Libras, privilegiando a formação do leitor literário.

Palavras-chave: Contos de fadas. Libras. Literatura.

Introdução

A nossa pesquisa teve como propósito a reflexão das relações entre a Literatura e a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), tendo como ênfase os contos de fadas. Desse modo, o foco principal será apresentar aos alunos e professores um pouco da história da Língua Brasileira de Sinais e, a importância dos seus traços e particularidades dentro da Literatura (seja ela infantil, juvenil ou adulta) na formação do leitor. Os recursos utilizados para o desenvolvimento do projeto foram: Levantamento de textos sobre Libras e Literatura, com ênfase para contos de fadas;

¹ Graduanda em Letras Português/ Inglês e suas Respectivas Literaturas pela Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Pires do Rio. Bolsista PIBIC/UEG. jessyca.land.jf@gmail.com

² Docente de Literaturas de Língua Portuguesa e do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual de Goiás. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELLP), vinculado ao CNPq.



fichamento de obras e de textos teóricos que comentem sobre o assunto; resumos e resenhas de trabalhos e atividades que podem ser desenvolvidos durante a pesquisa.

A base teórica do projeto foi constituída pelos contos de fadas tradicionais adaptados para o público infantil como, por exemplo, *Chapeuzinho Vermelho* e *Cinderela*. Como destaque tivemos a autora Marina Colasanti (1999), que é bastante conceituada na Literatura infantil e juvenil, com o seu livro *Uma Ideia toda azul*, e autor Monteiro Lobato (19--), que também é bastante conhecido pela sua obra *A menina do narizinho arrebitado*, publicada em 1921. Sendo assim, os aportes teóricos utilizados para o projeto tornaram a pesquisa um campo fértil para ser analisado e materializado em LIBRAS.

Material e Métodos

Como metodologia para execução da nossa pesquisa, seguimos o seguinte roteiro, que assim se constituiu: Levantamento de textos sobre Libras Literatura, com ênfase para contos de fadas. Fichamento de obras e de textos teóricos comentando sobre o assunto. Resumos e resenhas de trabalhos e atividades durante a pesquisa.

Inicialmente realizamos um levantamento de textos sobre Libras e Literatura, com ênfase nos contos de fadas. Realizamos leituras e fichamento das seguintes obras: *Cinderela surda* e *Rapunzel surda* de Hessel, Rosa e Karnopp (2003). Elaboramos resumos para participação em congressos e eventos sobre o assunto.

O recurso de usar a tradução de contos de fadas em Libras mostra possíveis relações entre essas duas áreas do conhecimento, ou seja, Literatura e Libras, enfocando a importância desse estudo para a aprendizagem do aluno surdo nas salas de aula e também para a prática docente de literatura com foco na inclusão.

Resultados e Discussão





O paradigma da inclusão é uma temática que não pertence apenas à educação especial, já que envolve vários aspectos dessa grande área como a reforma do ensino, a teoria do currículo, o multiculturalismo, o acesso e a permanência do aluno surdo e outros no ensino regular, a interação social facilitada, a presença constante dos suportes técnicos, entre outros aspectos. Ademais envolve também princípios, políticas e práticas em educação especial previstos na Declaração sobre a Educação para todos e na Declaração de Salamanca. Esta última, traz a resolução das Nações Unidas sobre direitos e oportunidades às pessoas portadoras de deficiências (ARAÚJO, 2009a). É nesse sentido que vemos a importância da postura do professor, diante de seus alunos, para promover o respeito e valorizar a diversidade.

Por ter consciência da importância para o desenvolvimento humano do processo de apropriação das experiências presentes em nossa cultura, a leitura e tradução de contos de fadas pode possibilitar um meio concreto e significativo de inclusão e interação com o mundo, quando nos referimos a pessoas com necessidades especiais. De acordo com Araújo (2009a), a sociedade brasileira, de maneira geral, tem contribuído para a inclusão ao realizar diversos trabalhos para permitir o acesso do surdo à sua cultura e à cultura ouvinte.

O recurso de usar a tradução de contos de fadas em Libras mostra possíveis relações entre essas duas áreas do conhecimento, ou seja, Literatura e Libras, enfocando a importância desse estudo para a aprendizagem do aluno surdo nas salas de aula e também para a prática docente de literatura com foco na inclusão.

Para justificar essa abordagem, ou seja, por que a escolha dessa temática e o que ela significa para os estudos acadêmicos de alunos surdos, pensamos que, no ensino de língua, o texto literário pode ser um recurso por excelência. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais, elaborados pelo Ministério da Educação, o texto literário é priorizado como ferramenta tanto para aquisição de novos conhecimentos, como para desenvolver o raciocínio, melhorar a argumentação e promover o lúdico



(BRASIL, 1999). Entretanto o desafio atribuído ao texto literário está exatamente em percebê-lo como instrumento basilar das práticas sociais.

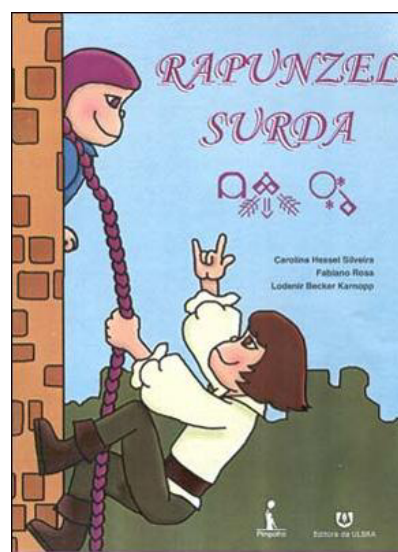
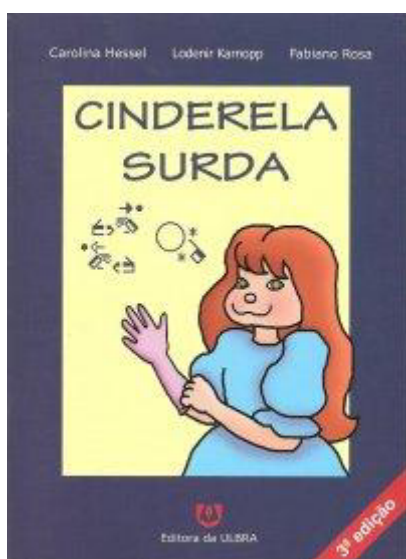
No ensino de surdos, o texto literário, assim concebido, parece assumir importância fundamental, tendo em vista que, embora muitos surdos não tenham o português como língua materna, estão inseridos em boa parte dessa cultura linguística: os nomes das ruas, das praças, das lojas, a propaganda, o extrato bancário, o cartão de crédito, de aniversário, de natal, constituem apenas uma pequena fração do grande universo que envolve as práticas sociais fundadas no letramento. Sintonizada no assunto, Lodenir Karnopp, em *Literatura Surda*, expõe que

as produções culturais de pessoas surdas envolvem, em geral, o uso de uma língua de sinais, o pertencimento a uma comunidade surda e o contato com pessoas ouvintes, sendo que esse contato lingüístico e cultural pode proporcionar uma experiência bilíngüe a essa comunidade. Neste sentido, além da escrita da língua de sinais, a escrita da língua portuguesa, também faz parte do mundo surdo, indispensável aos surdos brasileiros para a escolarização, a defesa dos seus interesses e cidadania. Pode-se pensar que a escrita pode contribuir para a destruição da riqueza em sinais; mas a escrita, por si só, não é necessariamente um fator contrário, já que pode-se pensar na escrita como a busca por tradução das raízes culturais, associada a outras formas de arte, como teatro e vídeo (KARNOPP, 2008, p. 6).

Como resultado, observamos que, segundo Araújo (2009b), a interface e o convívio das duas culturas constituem um cenário multicultural, no qual não há melhores nem piores, há diferentes. Com base nesse pensamento, utilizamos na nossa pesquisa, a seguinte metodologia: primeiramente, fizemos o levantamento de textos sobre Libras e Literatura, com ênfase nos contos de fadas, por se tratar de leituras que exercem grande fascínio sobre as crianças. Logo em seguida, começamos o fichamento de obras e de textos teóricos que tratam o assunto. E após, iniciamos resumos e resenhas de trabalhos e atividades de pesquisa, para poder participar de eventos científicos. Consideramos a participação em eventos um ótimo momento para divulgar a pesquisa e saber o que outras pessoas estão fazendo, além de ser

uma oportunidade para que outros pesquisadores leiam e opinem sobre o nosso trabalho e servir de termômetro para a melhoria das nossas atividades de pesquisa.

Nesse sentido, optamos por registrar a adaptação para Libras de *Cinderela Surda* (HESSEL; ROSA; KARNOPP, 2003a) e *Rapunzel Surda* (HESSEL; ROSA; KARNOPP, 2003b).



Fonte: <<http://escritadesinais.wordpress.com/2010/08/30/cinderela%C2%A0surda-e-rapunzel-surda/>>. acesso em: 6 fev. 2013.

Para Karnopp (2008), o desejo de traduzir as histórias clássicas para a comunidade surda foi o principal objetivo dos autores-adaptadores, que viram nessa ideia uma maneira de pensar a escrita associada a outras formas de arte e também como uma busca das raízes culturais dos surdos. Constatamos que a primeira edição de *Cinderela Surda* e *Rapunzel Surda* foi publicada em 2003, adaptadas por Carolina Hessel, Lodernir Karnopp e Fabiano Rosa (2003a).

Esses livros referem-se a uma versão do tradicional conto de fadas que insere elementos da cultura e identidade surda, a exemplo do sapatinho de cristal substituído pela luva perdida pela Cinderela surda. Instigante o recurso de



adaptação, pois a luva tem um significado de relevância para os surdos, pois estabelece uma conexão com as mãos, usadas para expressar a língua de sinais.

Em *Rapunzel Surda*, de Carolina Hessel, Lodenir Karnopp e Fabiano Rosa (2003b), mesmos autores de *Cinderela Surda*, a história segue praticamente o roteiro do conto de fadas clássico. Entretanto, a menina, raptada pela bruxa, não falava. O isolamento na torre não a deixava desenvolver sua comunicação, até que conhece o príncipe que sabia língua de sinais.

Inúmeras histórias são contadas em línguas de sinais pelos surdos, porém elas não têm registros em livros para a divulgação e leitura nas escolas e nas comunidades, geralmente pelas dificuldades de tradução, pelo desconhecimento da língua de sinais, pela falta de incentivo e incrementos para publicação, entre outros fatores. Assim o registro de produção literária de surdos termina sendo algo ainda incipiente e que só bem recentemente, acreditamos, começa a se fazer presente entre as comunidades ouvintes.

A rigor as línguas de sinais são extremamente importantes para o desenvolvimento humano da pessoa surda e se constitui um sistema linguístico de comunicação e expressão que contribui para situações de relatos de vivências, de experiências, da realidade relacionada ao contexto dos surdos. Ademais,

os alunos surdos devem ter a oportunidade de relatar na língua brasileira de sinais - LIBRAS situações diretamente relacionadas com o seu contexto, sua vivência, sua realidade, suas experiências, eleitas por eles como importantes para esse fim. Esses relatos são compartilhados com o grupo. A partir disso, os alunos escolhem um fato considerado mais relevante e expressam-no por meio de desenhos. A função dessa expressão é intermediar o relato na língua de sinais e a produção escrita. Quando a criança expressa, pela via escrita, o seu relato, ela se baseia, exclusivamente, no desenho, utilizando a estrutura básica da língua de sinais. Um dado importante a ser considerado é que nessa relação significativa, normalmente não foi observado o uso da expressão oral



simultaneamente ao uso de sinais. Acredita-se que esse fato evidencia a relação espontânea da sua vivência com a escrita (BRASIL, 1997, p. 167).

Acreditamos que compartilhar histórias, contá-las, seja por meio da fala ou sinalizando-as, representam um processo de aprendizado e uma oportunidade para desenvolver a interação entre crianças surdas e o mundo que as cerca. Para tanto, a contação de histórias, como o faz de contas, as fábulas e os contos de fadas, pode ser uma maneira de facilitar a integração da criança surda com outras crianças surdas e ouvintes e também uma forma de capacitação para professores e interessados em literatura e Libras.

Em outras palavras, o trabalho com literatura e Libras pode propiciar estudos e pesquisas na área da surdez, da linguagem e da educação, disponibilizando a outros profissionais, teorias e técnicas. Além do mais, também pode ser um modo de sensibilizar a sociedade em geral no tocante ao respeito ao surdo e à integração dele em sua comunidade.

Considerações Finais

O desenvolvimento desta pesquisa IC foi muito significativa e teve como princípio levar alunos, professores e interessados a conhecer um pouco da história da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e refletir sobre os contos de fadas e suas traduções e adaptações. Como resultados alcançados, investigamos as obras *Cinderela surda* e *Rapunzel surda* de Hessel, Rosa e Karnopp (2003), com o fim de discutir na nossa primeira apresentação em GT sobre a Literatura Surda e a reescrita dos contos de fadas para o leitor surdo. No Grupo de Trabalho 4 – LITERATURA, DIVERSIDADE E INCLUSÃO do I CONEDULE – *Congresso Nacional de Educação, Leitura e Escrita*, apresentamos o trabalho intitulado UM ESTUDO SOBRE CONTOS DE FADAS E LIBRAS (no período de 22 a 24 de novembro de 2017), na Universidade Federal de Goiás-Regional Catalão (UFG-RC), em Catalão – GO- Brasil. Durante a



apresentação, debatemos sobre a importância da Libras como suporte para o aluno surdo e o uso da literatura como parte desse suporte. Participamos também de uma sessão de comunicações coordenadas pela profa. Márcia Melo no II *Seminário de Letras da Região da Estrada de Ferro* (SELREF): Linguagens e identidades em movimento, com o trabalho intitulado A REESCRITA DOS CONTOS DE FADAS EM LIBRAS (no dia 25 de novembro de 2017) na Universidade Estadual de Goiás - Câmpus Pires do Rio- Goiás (UEG), em Pires do Rio.

Agradecimentos

Gratidão ao programa de bolsas UEG por proporcionar a vários graduandos a oportunidade de crescimento acadêmico, ampliando o nosso conhecimento enquanto futuros docentes da Educação Básica Brasileira.

Referências

COLASANTI, Marina. **Uma idéia toda azul**. 20. ed. São Paulo: Global, 1999.

HESSEL, C.; ROSA, F.; KARNOPP, L. B. **Cinderela Surda**. Canoas, RS: ULBRA, 2003.

_____. **Rapunzel surda**. Canoas, RS: ULBRA, 2003.

KARNOPP, Lodenir Becker. Literatura surda. *ETD, Educação Temática Digital*, Campinas, v. 7, n. 2, p. 98-109, jun. 2006.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**: história & histórias. São Paulo: Ática, 2003.

LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho**. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 19--.

LITERATURA em LSB: **poesia, fábula, histórias infantis**. Produção: Joe Dannis. Direção: Yon Lee. Criação: Nelson Pimenta. Tradução (LIBRAS-Português): Luiz Carlos Freitas. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 1999. 1 DVD (60 min).

SUTTON-SPENCE, R. Imagens da identidade e cultura surdas na poesia em língua de sinais. In: QUADROS, R. M.; VASCONCELLOS, M. L. B. (Org.). **Questões teóricas das pesquisas em línguas de sinais**. Petrópolis, RJ: ED. Arara Azul, 2008, p. 339-349.

REALIZAÇÃO



V Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



ZILBERMAN, Regina. (Org.). **A produção cultural para a criança**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.

_____. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás